

a b

x z

CAMINHODASLETRAS



Abrindo o Livro p. 11

Foto: Artur Ikishima

Aderbal Duarte

“Nossas escolas, na grande maioria, não são instituições confiáveis”.

p. 3



Via Litterarum EDITORA

“Escolas, listas de livros e lição oculta”

p.2

Descubra os novos livros para o vestibular da UESC 2007/2009

p.10



FUNDAÇÃO CHAVES

Editorial Editorial

Em que pese o Carnaval não constituir hoje um fenômeno que reflita plenamente os valores culturais que já representou, em razão de sua apropriação, quase absoluta, pelo mercado de consumo em sua dimensão extrema, o consumismo, ainda recomenda um instante de avaliação. Em função dele o *abxz* toma a lição do mestre Aderbal Duarte (entrevista nesta edição). Suas reflexões em torno da "viseira" que restringe a importância do ensino da Música em escolas se aplica, dado o descaso como as artes todas e ciências encontram nos diferentes segmentos sociais deste País, à realidade da Educação como um todo.

Se o entrevistado, de modo ferino, critica o orçamento do Ministério da Cultura para a música como *suficiente apenas para comprar apitos e distribuí-los na cesta básica do Governo*, o que dizer dos orçamentos, em todos os níveis de governo, para a Educação? E, mais grave ainda: qual a atenção que vem sendo dada à identidade cultural das diferentes regiões deste Brasil no instante em que os projetos de conteúdos são elaborados e as escolas "programam" suas escolhas para a indicação do livro didático que será utilizado no ano letivo?

Temos acompanhado, com preocupação, o avassalador processo de alienação das realidades locais em benefício dos interesses comerciais, alheios ao que deveria nos interessar na preparação das gerações. A concentração da escolha de livros didáticos sem levar em conta os valores e identidades regionais, além de contribuir para o alheamento da realidade em volta do aluno, contribui para dificultar o próprio processo de aprendizagem, por ficar dissociado dos caminhos que facilitariam a compreensão dos conteúdos e a *sensibilidade que permite a realidade circundante*. (Exceção-se algumas experiências, que vêm trazendo excelentes resultados).

Neste particular, vivemos, como o Carnaval apropriado pela sociedade de consumo, com a apropriação das culturas regionais pela sistematização do conteúdo produzido no eixo Rio – São Paulo. Assim, fica difícil exigir de um estudante baiano que compreenda o que estudou amparado na realidade de São Paulo, que ele nem de longe conhece.

Carta dos Editores

Escolas, listas de livros e lição oculta

No plano do discurso, é muito raro alguém não fazer a defesa da comunidade local e seus valores. E isto por uma razão elementar, ainda que por vezes esquecida: é nessa comunidade, com seus méritos e deméritos, belezas e feiúras, que vivemos, trabalhamos, encontramos oportunidades de vida, de lazer, de negócios, de realização pessoal e profissional. É nela que nossos filhos estudam, brincam, convivem. Temos orgulho em fazer parte dela. A comunidade, nestes tempos de globalização, é um valor e parece de bom senso defendê-lo. Nesse plano, portanto, parece haver consenso.

As escolas, seus dirigentes e professores, particularmente aqueles a quem compete a tomada de decisões, vêm-se frente a situações em que seu discurso pró-valores, pró-cidadania, pró-comunidade, são colocados à prova.

As listas de livros de nossas escolas, das escolas que educam nossos filhos, das escolas que constroem sua viabilidade econômica localmente, pela cobrança de matrículas e de mensalidades, revelam um dado perturbador: salvo exceções, não há nessas listas autores e não há obras da terra, sequer da Bahia. Soaria provocativa uma manchete de jornal com termos assim: *colégio X não reconhece nenhum autor baiano como portador de mérito*. Em razão disso, nossos filhos são obrigados a ler obras e autores de terras distantes, textos descontextualizados. (Não é necessário dizer que é pouco provável que lá nossos autores estejam sendo lidos). São pacotes, às vezes, sob formato de módulos, prontos e relativamente caros. Não bastasse, no plano econômico, através deles, fração da preciosa, porque escassa, renda

regional acaba sendo evadida para longe, numa lição real, além do palavreado abstrato. Nessa lição oculta, o que é bom é o que vem de fora, de longe, o que é dos outros. O que aqui é produzido, o autor, a obra, a gráfica, a editora, não tem valor suficiente para uma indicação, para que possa ser lido e conhecido por nossos filhos.

No fundo, é uma triste e oculta lição, mas de auto-colonização, de autodesvalorização, de assumida dependência externa. Com tal prática, não são necessários pregadores de fora. Portanto, além do discurso dito e proclamado pela palavra falada e escrita, parece elucidativo ler o discurso praticado, seus valores e interesses, ainda que ocultos. As listas, que estão ao alcance de cada professor, de cada pai ou mãe, divulgadas pelas nossas escolas, série por série, parecem ser um testemunho eloquente, ainda que perturbador.

Obviamente, como o jornal tem deixado claro em editoriais, não se trata de uma defesa cega do local, do regional em detrimento do que vem de fora. Ao contrário, trata-se de estabelecer um diálogo. Precisamos valorizar o que possui mérito, mas o mérito não está só alhures. Disso estamos seguros. É preciso estimular e fomentar a construção da identidade e a auto-estima da comunidade em que vivemos. O *abxz* acredita que há mérito no autor baiano e nas suas obras, ainda que ausentes nas listas de livros que as escolas solicitam aos pais para que sejam comprados. Felizmente, alguns professores e algumas escolas também compartilham de nossa posição e estão tomando decisões coerentes. Bom para a dimensão regional, cultural e economicamente. Sem dúvidas, um sinal promissor e estimulante.

Carta dos Leitores

Parabéns

David

Sou mineiro, de Montes Claros, e resido em Assunção, no Paraguai, onde estudo Medicina. Em viagem de férias pela Bahia, agora em dezembro, descobri o *abxz* – Caminho das Letras.

Não posso negar a grata surpresa em saber que vocês estão editando um jornal literário que não faz vergonha em nenhum lugar que se apresente. Com um atenuante: publicando textos de qualidade e, mais que isso, dando oportunidade até a crianças.

Coincidentemente, um dos editores, Adylson Machado, já o conhecia por inda-

gação de um professor que me perguntou se eu, como brasileiro, conhecia o romance *Amendoeiras de Outono*, que ele estava lendo, "estranhando" muitas das palavras encontradas no texto, para ele inteiramente desconhecidas, e considerando-o uma leitura não muito comum.

Voltando ao *abxz* só me resta parabenizar a iniciativa e desejar-lhe vida longa.

David

Rua Antônio Flora, 30, Alto São João
Montes Claros - MG

Expediente

Fundadores:

Adylson Machado
Eduardo Anunciação
Jorge de Souza Araújo

JORNAL LITERÁRIO
abxz
CAMINHODASLETRAS

Jornalista Responsável

Eduardo Anunciação

Diretor-Executivo

Adylson Machado

Conselho Editorial

Adylson Machado
Agenor Gasparetto
Antonio Pazos Garrido
Jorge de Souza Araújo

Revisão

Antonio Pazos Garrido

Projeto Gráfico e Diagramação

Alencar Júnior e Marcel Santos

Quadrinho e Caricatura

Dai Santos e Leos

Apoio: Via Litterarum www.vialitterarum.com.br

e-mail: vleditora@veloxmail.com.br

Quiosque Cultural www.quiosquecultural.com.br/abxz

Impressão: Diário do Sul Jornal Editora Ltda.

abxz - Caminho das Letras é uma publicação independente, de periodicidade mensal, com tiragem inicial de 3.000 exemplares, circulação em todo o Estado da Bahia e distribuição para instituições culturais brasileiras. Os textos assinados, por suas idéias e expressões, são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Matérias para publicação diretamente para a redação.

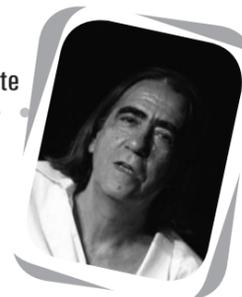
Preço avulso: R\$ 1,00 – número atrasado R\$ 1,50

Redação e administração:

Rua Reinaldo Andrade de Souza, 157, Fátima, Itabuna - Bahia

Entrevista

Aderbal Duarte



Aderbal Duarte: "A arte não é descartável e nem tem prazo de vencimento"

abxz – Que influências ou meios levaram-no à música como vocação? Família, a filarmônica da cidade...

Aderbal Duarte – Ambos e mais alguma coisa... Casa de pai, escola de filho e, por outro lado, a filarmônica é uma coisa muito bonita! O mais importante é que tive acesso a um processo de musicalização, no momento exato. Por isso é que alguns pedagogos e outras pessoas sensíveis têm toda razão em dizer que o processo de educação musical deve ser extensivo a todos. Você nunca sabe quem vai ser músico profissional ou não! Depende também de outros fatores, porém, o fato é que o processo de musicalização além de propiciar o exercício "pleno" da sensibilidade do indivíduo, através da música, permite também uma opção de profissão e quando isso é muito intenso, como foi o meu caso...

abxz – Como sintetizaria sua trajetória profissional do músico de "conjunto" interiorano a de compositor e regente?

Aderbal Duarte – Existe um detalhe importante que uniu o conjunto de baile ao curso superior de música: o estudo da teoria musical com um Mestre de Banda (filarmônica) do interior. Eu

razoavelmente bem, em 2 anos eu já comecei a tocar fagote na Orquestra Sinfônica. E toda essa base veio do interior! Infelizmente, as filarmônicas estão quase em extinção e essa possibilidade se torna praticamente remota para outras pessoas.

abxz – Entende como fundamental a teoria musical para a construção de novos talentos? Outros caminhos há? Quais?

Aderbal Duarte – A teoria existe para racionalizar a atitude do indivíduo em relação a uma determinada prática. No estudo, quanto menos informações pior e quanto mais difícil for mais desestimulante. O verdadeiro talento não se resume puramente a um conjunto de habilidades individuais. Antes de qualquer atitude prática procuramos, conscientemente ou não, racionalizar o entendimento e assim desenvolver o aprendizado. Dessa maneira, um livro com boas informações será sempre bem vindo. O problema é que nem sempre usamos os livros certos nos momentos certos. De qualquer forma, mesmo os "talentosos", precisam investir no conhecimento formal, de preferência com um bom instrutor, porque, dos inúmeros livros de teoria musical disponíveis no mercado consumidor, eu mesmo não conheço nenhuma edição que tenha como título – "Aprenda Música sem Mestre". A primeira lição, portanto, é de humildade. Procurar aprender com quem sabe e tentar desenvolver, com total dedicação, suas habilidades naturais.

abxz – Sua produção musical, como compositor, arranjador e instrumentista ultrapassa as fronteiras do País. O que isso representa para o menino do interior, tornado personagem e personalidade da música internacionalmente?

Aderbal Duarte – A linguagem musical não conduz significado em si própria, ou seja, depende diretamente da sua relação com o contexto cultural. Eu não fui para a Europa mostrar técnica, puramente. Fui mostrar a cultura brasileira através da expressão

abxz – Que contribuições destaca em sua vida, que poderiam refletir na sua formação estética.

Aderbal Duarte – Como é sabido, a formação estética se dá através do "código apriorístico" que se desenvolve no indivíduo. Esse código é formado através de um conjunto de informações

que são adquiridas durante toda a vida. Toquei em conjunto de baile, fiz curso superior de música, toquei em orquestra sinfônica, tive uma banda de música instrumental, fui professor de faculdade, estudei bastante a literatura do jazz e me dedico à pesquisa da música brasileira, particularmente Baden Powell e João Gilberto, há mais de 30 anos. Porém, tudo isso foi sempre "alinhavado," com a leitura de bons livros – Adylson Machado é testemunha – principalmente a obra de Mário de Andrade e Oswald de Andrade que, apesar do mesmo sobrenome, um não tem nada a ver com o outro, a não ser a mesma consciência fantástica a respeito dos nossos valores culturais, como fator de identidade nacional. Gosto muito do conceito antropofágico! Ele se encaixa perfeitamente com a teoria da percepção estética e a curiosidade nata do artista!

abxz – Destacaria maior ou menor peso nesta formação entre a música européia, matriz tradicional do erudito, e a música brasileira?

Aderbal Duarte – A matriz tradicional é, sem dúvida nenhuma, a principal fonte de referência, mas ela mesma mostra seus limites "naturais" em função do contexto cultural. O exemplo mais claro disso é a leitura sincopada da música brasileira. Ninguém no mundo trata o ritmo do samba como elemento estético, com a mesma perfeição que João Gilberto! Outro exemplo é a lin-

Estão querendo melhorar o nível das nossas escolas, unicamente, com cursos de mestrado e doutorado. Um curso de graduação ruim produz mestres e doutores, também, ruins. Não tem como imaginar um péssimo curso de graduação com um bom mestrado ou doutorado

artística mais socializante do universo: a Música! O meu primeiro concerto na Alemanha foi bastante original! Eu nunca havia tocado totalmente "acústico" para uma platéia de 150 convidados, tão exigentes. Não tinha idéia do impacto de um som "ao vivo" em uma sala apropriada para concerto, com um projeto acústico tão perfeito como o do Castelo Tucher. Brinquei até um pouco com a platéia, dizendo que de brasileiro ali só tinha eu e a música: o concerto na Alemanha, o meu violão também alemão e o encordoamento francês. Senti também um pouco de sensação de "mundo diferente", quando embarquei de Lisboa para Sttuttgart e Nürnberg. O som da língua mudando cada vez mais e minha única segurança era a música. Por outro lado, por causa dela, a música, que eu estava me expondo àquela situação! Afinal, transitar como artista em um continente que é o berço da cultura ocidental e ser muito bem tratado... vale a pena!

Na Coréia do Sul, quando um aluno não aprende, o professor é reprovado

tocava guitarra solo no conjunto e, ao mesmo tempo, praticava ler e escrever partitura, todos os dias. Por isso, não foi necessário fazer o curso preparatório da faculdade e já entrei direto no curso superior. Foi um enorme impacto encarar aquele pensamento europeu: Alemanha, Suíça e Itália. Mas pelo fato de já saber ler música



Ficha de Assinatura

Nome: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____
 CEP: _____ e-mail: _____

Envie esta ficha com comprovante de pagamento para a Caixa Postal 73-Correios, Centro, Itabuna-BA, CEP 45.605-525 ou entregue-a no Quiosque Cultural - Galeria de Arte Walter Moreira, Praça Olinto Leone, Centro, Itabuna, com pagamento no próprio local.
 Conheça, divulgue e assine para você e presenteie o abxz a quem você valoriza. Assinatura anual R\$ 8,40 mais R\$ 9,60 (postagem) = R\$ 18,00.
 Conta para pagamento: V L E PRODUTORA CULT LTDA, Banco do Brasil, agência 0070-1, conta corrente nº 26.080-0

guagem "afro" do violão brasileiro, desenvolvida por Baden Powell, que só é encontrada aqui. E a escola do Jazz? Como é possível negar a música dos americanos que, por sinal, possui características bem próximas da nossa, assim como o "impulso rítmico constante" que é natural da cultura afro-americana e o uso de harmonização baseada em tétrades, influência do Impressionismo francês!

abxz – Hoje você escreve a obra de João Gilberto, a convite dele mesmo. O que isso representa?

Aderbal Duarte – A elaboração dos elementos metodológicos – teóricos e práticos – para o estudo da obra de João Gilberto, começaram a ser esboçados há muitos anos atrás, como objeto de estudo, e foram apresentados em um workshop ministrado por mim, como parte da programação oficial de um Festival Internacional de Música promovido pela Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Desde esse tempo, venho apurando procedimentos mais eficientes de transcrição. Na realidade, a obra de João é um tratado de estética que abrange técnicas de composição, interpretação, arranjo e execução musical. O projeto de transcrição da obra exige uma estrutura complexa que vai ficar a cargo do Centro de Estudos João Gilberto com sede no Rio de Janeiro. Para mim, representa muito participar da edição de um trabalho importantíssimo que vai estimular a melhoria geral da cultura brasileira, através da nossa tradição musical.

abxz – O que é a Bossa Nova para você?



Aderbal Duarte – A Bossa Nova, antes de mais nada, é um conceito estético que pode ser até traduzido por "jeito novo"! Uma nova maneira de interpretar a música brasileira independentemente da época em que foi composta. "Aos Pés da Cruz", "Morena Boca de Ouro", "Samba da Minha Terra", "Pra que discutir

O estudo da música não deve ser restrito unicamente a quem quer ser músico profissional. Assim como nos são propiciados a falar, ler e escrever, embora não tenhamos obrigação de sermos locutores ou escritores, a música também é necessária à formação de qualquer indivíduo.

com Madame", "Adeus América", "Da Cor do Pecado" e dezenas de outras gravações de João Gilberto, não têm nada a ver com nenhum movimento de zona sul. Pensar que a Bossa Nova foi um movimento musical criado por rapazes que gostavam de ouvir jazz etc, etc, é um enorme equívoco. Posso muito bem projetar esse raciocínio ao extremo do ridículo e chegar a uma conclusão lógica de classificar a música por zonas: assim como a Bossa Nova veio da zona sul, a música caipira deve ter vindo da zona rural e a música brega, da zona do meretrício!

O problema é que nossas escolas de música pouco pesquisam a nossa música e sendo assim... vale tudo! É bom lembrar que o violão sempre foi tocado como instrumento solo, ou em grupos regionais fazendo parte de uma orquestração, ou seja: cavaquinho e bandolim na região aguda, violão na região média e violão de 7 cordas ou contrabaixo na região grave, além de percussão (pandeiro).

O surgimento de um único violão substituindo um regional inteiro já é suficiente para alguém imaginar que houve um novo redimensionamento técnico-estético no violão brasileiro. Acontece que João morava no Rio e é natural que os "rapazes da zona sul" também se contagiassem com

essa nova bossa e, talentosos como são, compusessem algumas canções maravilhosas que viriam se tornar verdadeiros clássicos da Bossa Nova. O principal deles, sem dúvida nenhuma, é o Tom Jobim. Compositor genial que deu uma nova "cara" ao cancionário popular brasileiro. Mas, como o próprio Tom declarou: a Bossa Nova é João Gilberto.

abxz – Quais os seus projetos, hoje e amanhã?

Aderbal Duarte – Continuar fazendo arranjos, compondo, gravando, criando material didático, fazendo concertos, dando aulas, workshops, palestras... Faço, no mínimo, um concerto por mês. Durante janeiro continuei realizando concertos semanais para o "Terça com Bossa", no teatro do SESI, no Rio Vermelho. Agora mesmo, estou ansioso para ver as duas gravações feitas na Europa: um CD e um DVD gravados ao vivo, em dois concertos distintos em Portugal e Alemanha. Tenho convite pra voltar à Europa no primeiro semestre de 2006 e consta na programação novas gravações em Portugal, Suíça e Alemanha. Uma das coisas que mais chamam atenção no "primeiro mundo" é o valor do conhecimento, aliado ao desenvolvimento tecnológico. Gravam tudo, sistematizam tudo, estudam tudo! Por incrível que pareça, vários músicos me conheciam através de filme, disco e fotografia. Aliás, o meu instrumento concertista, um violão Hanika, foi presente de uma aluna alemã, há 3 anos atrás.

Em um futuro próximo, vai haver o lançamento de um CD autoral com a trilha sonora de um filme longa-metragem chamado "Cascalho" e a reedição do disco "Sexteto do Beco". Essa tarefa quem vai cuidar é o Ed Motta! Além disso, o principal projeto é, sem dúvida, "A Escrita da Bossa" que vai ter as atividades bastante intensificadas em função da data de lançamento do songbook de João Gilberto. A transcrição da obra será da minha inteira responsabilidade e quando isso começar, pra valer, vou ficar com o tempo bastante disputado porque vou ter que trabalhar com prazos!

A verdade é que levei muito tem-

po produzindo muita coisa sem me dar conta da quantidade. Tem um outro projeto chamado CD-aula que é uma coletânea de 6 fascículos e só 1 foi lançado na Europa, mesmo assim, no meio musical. Provavelmente esse material será editado através do Centro de Estudos João Gilberto.

abxz – Dentro desta extensão que você dá à informação apreendida e dialetizada, como levá-la a outras pessoas?

Aderbal Duarte – Temos um problema crônico no Brasil que atinge todas as áreas do conhecimento humano: nossas escolas, na grande maioria, não são instituições confiáveis porque quem passa o conhecimento, no caso específico o professor, é muito mal remunerado e isso reflete uma situação de desleixo em relação ao saber. Como explicar um percentual de aprovação em torno de 12% na prova da OAB de São Paulo? No ano anterior 20%, em 2005, 12%... Na Coreia do Sul, quando um aluno não aprende, o professor é reprovado! Aqui no Brasil, quem é que tem coragem de chegar para um filho pequeno e brincar: quando crescer, vai ser professor!

O mais preocupante é que estão querendo melhorar o nível das nossas escolas, unicamente, com cursos de mestrado e doutorado. Um curso de graduação ruim produz mestres e doutores, também, ruins. Não tem como imaginar um péssimo curso de graduação com um bom mestrado ou doutorado. Os cursos de música, por exemplo, são totalmente dissociados das necessidades do mercado de trabalho. Sempre com aquela desculpa ridícula: aqui ensinamos o clássico! Confundem, maliciosamente, o período Clássico com o conceito de clássico. Existem na história da música os períodos: Renascença, Barroco, Classicismo, Romantismo, Impressionismo e Expressionismo. O termo clássico se aplica, com

A obra de João (Gilberto) é um tratado de estética que abrange técnicas de composição, interpretação, arranjo e execução musical

propriedade, a um momento humano quando atinge a perfeição e naturalmente se universaliza. "Asa Branca" é um clássico e foi feito em uma sanfona. "Brasileirinho" também o é, e foi feito em um cavaquinho. "Garota de Ipanema", "Carinhoso" etc, etc, etc, ultrapassaram fronteiras e não envelhecem nunca! Só não conseguem entrar nas escolas de música do Brasil porque elas estão muito ocu-

Free Hand

Sinalização e Impressão Digital

Sinalização - Comunicação Visual - Empenas
Plotagem - Busdoors - Back-light
Frotas - Painéis - Stands
Front-light - Displays.

padas cuidando dos clássicos europeus. Isso vai totalmente de encontro à pedagogia musical, que recomenda “sensibilidade perante a realidade sonora circundante” ou seja: considerar o contexto cultural, em primeiro lugar. A linguagem musical não conduz significado em si mesma e depende dos outros subsistemas da cultura. Tem de haver referencial! Como se diz no interior: pra pegar o passarinho, você não pode dizer xô!

Temos todos os motivos do mundo pra valorizar o nosso produto cultural próprio. A nossa música é de altíssima qualidade e, além do mais, o ensino da música em bases exclusivamente cerebrais e teóricas, não deu certo nem na Europa. Quem conhece o Willems sabe muito bem do que eu estou falando. Foi aí que surgiram mestres como Bartok, Kodali, Schoenberg e Carl Orff, que são grandes exemplos em que os nossos músicos e professores deviam se mirar. O raciocínio é simples: se a linguagem musical é universal, logicamente, é acessível. Se fosse muito difícil, não se universalizaria! Não existe essa história de músico de partitura e músico de ouvido. A primeira parte do corpo humano que o som atinge é exatamente o ouvido. O que pode existir são distorções, tais como: músico que não sabe ler e tem bom ouvido ou músico que sabe ler e tem o ouvido pouco desenvolvido. O ideal é um bom professor para equilibrar as duas habilidades. O professor tem obrigação de saber associar a teoria musical à prática! Quando isso não acontece, na maioria das vezes, o aluno se desestimula e desiste do curso. Estudar sozinho, também, não é uma solução inteligente. Há certas questões em música que, mesmo com muito talento e boa vontade, você vai precisar de um professor. Afinal, os sons musicais são organizados através de sistemas e, como se sabe, todo sistema é um conjunto de leis ou princípios que regulam certa ordem de fenômenos. Estudar essas coisas sem um professor é adivinhar sozinho como funciona tudo isso! Nem com ajuda de um Pai de Santo!

Uma coisa que observei na Europa, é a quantidade de workshops, palestras e concertos, independentes do poder público. Na vida do cidadão sempre sobra um pouco de tempo pra essas coisas. Já sentiram na pele o que um povo embruteado é capaz de fazer. Sentiram também que essa é uma tarefa constante: não deixar a população com a sensibilidade atrofiada! O Nazismo, por exemplo, surgiu muito depois dos filósofos, escritores e grandes artistas alemães. Essa lição é muito importante pra nós, também. Não adianta pensar que brasileiro é bom e hospitaleiro, etc, etc,

Temos que tomar atitudes que ajudem a melhorar a sensibilidade do nosso povo, principalmente através da música, que, apesar de ser a principal expressão artística do Brasil, está totalmente fora do currículo das nossas escolas, públicas e particulares. Workshops, palestras e concertos educativos representam “muito” do que pode ser feito, em uma primeira etapa. Cursos à distância, agentes

multiplicadores... É assim que a coisa funciona lá fora também. Já pensou? Ensinar Bossa Nova na Alemanha, Suíça, Itália, Portugal e Espanha ao mesmo tempo? Temos que nos valer da tecnologia! Agora mesmo fui obrigado a ter o sistema Skype, em função das minhas aulas lá na Europa.

abxz – A propósito do que acaba de expor, você se dedica a um projeto de educação musical que seja acessível a todos, o que já deixou claro. Que importância traz para esta realidade o seu método de “Percepção Musical”, tido como a melhor publicação do gênero no Brasil?

Aderbal Duarte – No exercício da vida acadêmica tenho me debruçado sobre a importância do estudo da música no comportamento da sociedade... Se desenvolvi um “curso de extensão de MPB”, para a

Pensar que a Bossa Nova foi um movimento musical criado por rapazes que gostavam de ouvir jazz etc, etc, é um enorme equívoco.

UFBA, em 1992, não me limitei a pensar apenas no mundo da universidade como instrumento da formação musical do povo. A valorização da realidade em torno de cada universo de vida (cidade, campo) com suas manifestações (o reisado, o bumba-meuboi, as cantorias religiosas etc.), que passam despercebidos pelos próprios atores como valor cultural, levou-me a confrontar o que estava disponível no plano de livros preparatórios para a teoria musical e a realidade de nossa gente. Descobri que todo o embasamento músico-cultural editado no Brasil se sustentava na cultura estrangeira. Busquei, então, elaborar um trabalho (hoje reconhecido como o mais importante trabalho no gênero editado no País) que superasse esta dimensão colonial. Se a linguagem musical amplia a aprendizagem, como viabilizá-la, se distorcida da realidade de cada um? Assim, muito melhor para o estudante de música compreender a existência do modo mixolídio (modo natural, antecedente ao sistema tonal, em muito presente na formação da música brasileira, fundamentalmente a nordestina), que mostra como esta estrutura está enraizada na MPB, exercitando a introdução de “Asa Branca”, clássico nordestino cantado em todos os recantos do Brasil. O código apriorístico (Asa Branca) facilita, naturalmente, a fixação da teoria, por se apresentarem em perfeita simbiose – meio cultural e teoria. O meu método de “Percepção Musical” é uma contribuição para isso.

abxz – No âmbito de seu conhecimento, que músicos destacaria em Itabuna, Ilhéus, Feira etc. em razão de sua obra ou trabalho que exercem?

Aderbal Duarte – Em Itabuna, tenho duas referências: a Profa. Zélia Lessa, que é bastante conhecida aqui em Salvador (e duvido que tenha algum arte-educador que não conheça o trabalho dela) e o Sabará. Este eu o vi tocar há muitos anos atrás e fiquei bastante impressionado. Manter um impulso rítmico constante sem variar o andamento e tocar com dinâmica... Me

lembro de uma bateria super-afinada com aquela sonoridade! Foi o primeiro conjunto musical que me deu aula de dinâmica: o Lordão, com Sabará na bateria. Mandei até meu livro de Percepção Musical e um disco para ele! Em Ilhéus, tem o Francisco de Paula Lima, meu primeiro professor de música. Grande músico, mestre de banda, flautista, saxofonista, virtuose mesmo! Em Itapetinga, tem uma pessoa muito importante: Professora Leniza. Ela sozinha, faz coisas inacreditáveis para manter o ensino das artes acessível ao cidadão comum, com um programa que aborda a cultura brasileira em suas mais diversas manifestações, abrangendo sua criação, produção, difusão, preservação e assimilação. O que ela vem fazendo na área de música, por exemplo, tem contribuído para formação de novos profissionais, de novas platéias e de cidadãos críticos e conscientes. É um programa educacional muito bom, que reflete uma política cultural de alcance social, através da música. Como tenho viajado muito pouco aqui pelo Estado da Bahia, imagino que sei muito pouco a respeito da produção musical. Gostaria, inclusive, antes da minha ida para a Europa, de realizar algum projeto estimulando a formação de platéias, oferecendo à comunidade conhecimentos sobre a linguagem musical que, inexplicavelmente, estão restritos a uma pequena parcela da nossa população. É uma espécie de “concerto comentado” onde são esclarecidos alguns conceitos referentes à música.

abxz – Como vê a produção e a distribuição, em relação aos novos? Pesa a arte ou o comércio?

Aderbal Duarte – A arte não é descartável e nem tem prazo de vencimento, porém, o peso comercial em uma obra de arte é totalmente atemporal. Nenhum artista sabe em quanto tempo um determinado produto artístico pode ter o seu real valor reconhecido e, como diz o João Ubaldo Ribeiro, senhorios e donos de supermercados não aceitam símbolos. Já o peso de uma obra puramente comercial, o reflexo é imediato. Você vende, cobra, recebe e vai gastar em outro lugar! Eu, por exemplo, nunca imaginei que o disco do “Sexteto do Beco” viesse

a custar 380 dólares no mercado internacional. Mesmo aqui no Brasil, o mais barato está em torno de R\$ 250, que foi o preço que o Ed Motta comprou em São Paulo. Minha pergunta é: quem distribuiu esse disco no mercado internacional e quantas bandas existiam no Brasil, na década de 80? Criar um trabalho para ser reconhecido pela crítica especializada como melhor banda de Jazz da década de 80 e o disco se tornar uma raridade, é coisa que nunca me passou pela cabeça. Tanto não passou, que até hoje ainda não foi providenciado o relançamento do disco e isso acarreta num tremendo prejuízo financeiro, principalmente pra quem nunca ganhou nada, como no meu caso. O Ed Motta me disse que pensou que eu estivesse

Foi o primeiro conjunto musical que me deu aula de dinâmica: o Lordão, com Sabará na bateria

se no Caribe curtindo longas férias, só com a grana desse trabalho. Imagine! Bem, ele é quem vai cuidar desse relançamento e eu prefiro ir para Europa mesmo, em vez do Caribe. Outro fato curioso é com a distribuição do CD “Toque com Bossa” (ver *abxz*, nº 1) no mercado internacional. Quando pesquisei o Google, encontrei de tudo: site japonês, chinês, russo, americano, inglês, alemão e até uma propaganda “generosa” na revista Época, (Editora Globo) onde é possível ouvir algumas músicas do disco. Uma coisa é certa: parece que quem não tem controle na distribuição, também não tem na arrecadação! Tem um site inglês ou americano que está vendendo o CD por 17 ou 18 dólares. Detalhe: aqui no Brasil o disco já foi editado duas vezes e já esgotou. Como eles conseguiram? De qualquer forma, eu sou novo no mercado e segundo o Nelson Rodrigues, o novo só pode ser levado a sério quando fica velho.

abxz – E a participação do Estado na formação cultural através da música? O que deveria ou poderia ser feito?

Aderbal Duarte – O Estado, sem dúvida, é o grande vilão. Omito e desleixado, reflete a falência do nosso sistema educacional. Como eu já disse, a arte sensibiliza a todos, inclusive os governantes. Se os políticos atuais tivessem exercitado a sensibilidade com música ou qualquer outra expressão artística, anteriormente, com certeza teriam uma formação moral mais adequada aos cargos que ocupam. É bom lembrar que ética é a parte da filosofia que cuida da relação entre as pessoas, a natureza e Deus. Como se vê, o exercício da sensibilidade é tão necessário quanto ir a uma academia moldar cintura e desenvolver outros atributos. Aí é que entra a arte. O estudo da música, por exemplo, não deve ser restrito unicamente a quem quer ser músico profissional. Assim como nos são propiciados a falar, ler e escrever, embora não tenhamos obrigação de sermos locutores ou escritores, a música também é necessária à formação de qualquer indivíduo, principalmente para sensibilizar, de-

sembrutecer e elevar o espírito. A música e a matemática agregam todo o conhecimento do saber humano sendo que a música ainda leva a vantagem de emocionar multidões.

Infelizmente, faz vergonha o orçamento do Ministério da Cultura. Só dá para comprar apitos e distribuir na cesta básica do governo! Por isso, acredito na atitude do cidadão em procurar contribuir para a democratização da arte e da cultura, com a realização de projetos de interesse público, fora da visibilidade do mercado e dos espaços institucionais, estimulando a formação de platéias, com manifestações já inseridas em seus contextos culturais específicos.

Não devemos esquecer que o desenvolvimento de uma sociedade harmoniosa deve ser baseada em valores humanistas e civilizatórios e que se dá através da inclusão de todos os seus cidadãos na vida produtiva e criativa do País.

Página dos Novos

Por que

"endiabram" Exu?

Genivaldo Guimarães dos Santos*

Falar em Candomblé, orixás ou de qualquer fato que se refira ao universo da religiosidade afro-descendente é suscitar, em muitos brasileiros, atitudes inusitadas que vão da curiosidade ao medo, ou do preconceito exarcebado, principalmente quando o nome de EXU é pronunciado.

Refletirmos sobre esse fato é reviver um pouco da história do povo africano em terras brasileiras, na condição de escravo. Desse modo, o tráfico negreiro transformou muito desses seres humanos em máquinas de trabalho, obrigando-os a viver as tradições e os valores da cultura portuguesa sob a mágica da opressão e da violência. Esse cenário histórico-cultural propiciou ao negro brasileiro a assimilação de outro *modus vivendi* alheio a sua cultura e marcado por valores étnicos antagônicos cujo fenômeno sócio-religioso ficou caracterizado por aquilo que, mais tarde, alguns antropólogos e estudiosos denominaram de "sincretismo".

Assim como o chamado "sin-

cretismo" converteu santo em orixá, não é de se estranhar que, por razões teológicas e princípios doutrinários distintos, o Orixá EXU seria associado ao Demônio da religião judaico-cristã. A "endiabração" de Exu vem daí. Mas por que até hoje pessoas alheias ao Candomblé ou à Tradição de Orixás – escolarizadas ou não – alimentam esse preconceito?

Parte desse preconceito é reforçado pela alienação de alguns adeptos do Candomblé que continuam "sincretizando" tudo e possuem dupla confissão religiosa. Dessa forma, muitos fiéis da religiosidade africano-brasileira ainda se encontram escravizados pelo pensamento ocidental colonialista, acreditando que sua religião é um folclore ou apenas uma seita.

Visto por outro lado, essas atitudes preconceituosas do povo brasileiro em relação à cultura africana tem sua gênese no choque cultural forjado pelas relações escravagistas e pela imposição do catolicismo

como religião exclusiva no Brasil-Colônia, assim como pela pretensa supremacia dos valores culturais dos portugueses.

Tal contexto propiciou a endiabração de EXU porque muitos dos atributos desse Orixá são inclassificáveis em qualquer outra cultura que não seja a dos iorubás, salvo nas culturas arcaicas grega e egípcia ou em algumas culturas orientais.

Exu possui a dinâmica e a electricidade para que nada fique estático, parado. Ele é a esfera que abre e fecha ciclos de vida cósmicos e pessoais, realizando a síntese dialética dos contrários (tese e antítese), ativa a consciência humana para novas concepções ou paradigmas, numa eterna relação dialógica com a diversidade e o respeito ao diferente.

Não possuímos conceitos maniqueístas ou absolutos acerca do bem e do mal, e por esse motivo, podemos afirmar categoricamente, que EXU não é o Diabo. O que são boas ou más são as atitudes e o

comportamento dos humanos.

Exu é a ação de Olodumare (Deus) no destino dos homens e na organização da vida, sendo o único Orixá que atravessa todas as dimensões do Cosmos, fala todos os idiomas, preside a sexualidade masculina e integra valores humanos que relativizam o bem e o mal para aprendizado do próprio ser humano. Alaroyê,¹ Exu!

¹ Alaroyê: bem falante, falastraz; comunicador.

* Genivaldo Taiwò Guimarães dos Santos é Delegado da Sociedade de Preservação da Língua Yorubá no Brasil, prof. de português e Bàbá Egbé do Ilê Axé Águas de Oxum da Ialorixá Adê Minayá

Esse foi um dos textos produzidos para estudo e laboratório da peça teatral "A Orelha de Obá", escrita por Zora Seljam e publicada no livro 3 Mulheres de Xangô e outras peças afro-brasileiras, 2ª edição. IBRASA, 1978. Em Itabuna, a peça foi montada e levada ao palco sob a coordenação de Yara Smith Lima e o Grupo de Teatro Vozes, direção de Jorge Batista.

Melissa Lindsey Quadros Araújo

8ª série-Cooperativa Educacional de Santo Antônio de Jesus-Coopeducar

Adolescentes sim, aborrecentes não!

Sou réu confesso, sou adolescente e, embora não pareça, ser adolescente não é fácil. Algumas pessoas pensam que ser adolescente é só ir pra balada, se reunir com os amigos ou reclamar da vida. Bom, mas não é assim... Nós temos também nossos problemas e o maior deles: tentar ser compreendido pelos adultos que insistem em chamar-nos de aborrecentes.

Adolescência é uma "barra". Ao mesmo tempo que levamos broncas dos nossos pais, temos que enfrentar toda essa transformação que há conosco: espinhas, hormônios, enfim, uma verdadeira mutação, pouco compreendida pelos adultos.

Há adultos que não entendem certas coisas e se dizem inteligentes e maduros, preparados para a vida mais do que nós. Só que eles não percebem que as coisas mudaram e nós da geração de hoje somos muito mais cobrados. É vestibular, carreira, mercado...

Cada um enfrenta coisas diferentes. Meu



pai, por exemplo, sente ciúme do meu cantor e banda favorita. Minha mãe, que afirma ter sido a mulher maravilha e ter se vestido com brochuras do menudo, diz que não quer que eu me prenda muito a ele. É, coisas de mãe... Vai entender.

É assim. Ser adolescente é mesmo muito confuso, pois não somos mais crianças, mas também não somos adultos e temos que pensar mais ou menos parecido com o que eles acham certo, e nem por um só momento questioná-los, eles não gostam e nós é que somos os aborrecidos

da história.

Não estou querendo crucificar os adultos, quero apenas que eles percebam e compreendam as transformações pelas quais passamos e saibam diferenciar.

Adolescentes sim, aborrecentes não! Ou só quando os adultos ignoram os nossos desejos e vontades.

Cantando do
Poema

O Grito

Ao olhar para essas matas
Esse céu azul anil
Lembro-me da fauna e da flora
Tão fulgaz e tão sutil.

Onde os peixes vivem a nadar
É tudo é paz
É alegria
E todos estão a cantar.

Mas o homem não vê
Que é tudo uma beleza
Polui as águas, faz queimadas
E destrói a natureza.

E assim continua
O grande grito de dor:
"Socorro!" Pede a Natureza
Onde um triste passarinho posou.

Géssica Rodrigues e Damares Santana – 14 anos
Texto integrante do Jornal Estudantil Conexão Salobrinho
- Escola Municipal do Salobrinho (Ilhéus – BA), coordenado
pelo professor de Língua Portuguesa: Genivaldo Guimarães.

O Cajueiro, histórias, beijo e saudade



O Cajueiro (Bairro de Fátima) outrora era o bairro mais desenvolvido de Itabuna com usina de eletricidade, indústrias (de plásticos, confecções, doces e refrigerantes), cinema, empresa de ônibus, hospital e outros atrativos que outras adjacências não tinham.

Sua história é pontilhada por fatos pitorescos e figuras excêntricas e saudosas como o Bomfim carpinteiro e seu forró pé-de-serra, que tinha como freqüentadoras assíduas Dona Redonda, Girafa e Tina Charles, o Dudé, manobrista da Embasa – faltava água numa rua e lá ia alguém pedir a ele que abrisse a tubulação —... o Peixeirão – caboclo ancião de estatura mediana, barba por fazer, cara de sofrido, roupa surrada, camisa rasgada ao ombro —, vendedor de peixes fígados no Rio Cachoeira que, a cada corda de peixe vendida, comemorava na venda da esquina seguinte com uma dose de pinga e bradava pelas ruas com uma bacia de alumínio na cabeça:

O beijo na boca era o máximo... tempo em que a rapaziada "fazia a cabeça" sem drogas, sem armas, sem vandalismo.

"peeei-xeeei-rô, lavadinho com água de coco, do ribeirão da onça, freguesa!" Seu nome era desconhecido – era simplesmente Peixeirão. O Cabo Lió, d. Rosa, a dedicada merendeira da Escola Celso Fontes

(Vicentino), o professor Josué Brandão e seu projeto comunitário - o Ciso, o Rosemiro Trapicheiro, terror dos torcedores contrários ao Vasco, o missionário Wenceslau, a Vitória, negra magra e baixa, de pele escura e lustrosa, com seu chapéu de chinês, auto-empossada "dona" do único chafariz público onde ninguém podia pegar água ou lavar roupas sem sua prévia autorização, sujeito a pedrada...e outros citados mais adiante.

Cajueiro dos cabarés freqüentados por figuras ilustres de nossa cidade, do "Poço Tubarão" no Rio Cachoeira - piscina natural dos garotos que não tinham acesso ao luxo das artificiais, no qual não se ousava nadar com medo de novo afogamento, mesmo tendo engolido inúmeras piabas vivas, da Escola de Samba Mangueira do "Tonho Relento", da Mansão Assombrada onde os cocos caíam de secos, a estátua do Cristo - nunca erguida, de dona Amélia Amado, do Cine Oásis - lazer dos cajueiranos.

No Marabá, nunca entrei. Eram rigorosos com entrada de menores. Um dia, pedi à minha irmã e ao namorado para me levarem ao Marabá.

Proposta aceita. Na minha companhia, o nosso pai autorizaria o passeio. Na entrada: "menino, você, não! Pode voltar!" Palavras duras do porteiro. Sem nenhuma intervenção favorável, fui embora para alegria do meu cunhado. Nunca mais tentei ir a outro cinema, só o Oásis levava meus cruzeiros faturados com a venda de picolés para o Sandoval Fundo de Garrafa e afazeres para D. Dedé, filha do carrancudo comissário Antonio Rodrigues, cujos olhos azuis esbugalhados, cara larga, cabeça chata e grande, dentes falhados e salientes, quase sem pescoço, assustava sem reclamar. Sua função extraordinária era rasgar bolas nos babas de rua, cúmplice do soldado Chico, apelidado "Mão-de-Gato", pois aparecia e apanhava a bola numa rapidez, sem dar nenhuma chance de evasão.

Quem reincidisse seria internado na Colônia Lar Fabiano de Cristo, o "Jardim Zoológico de Itabuna". Não tinha para onde correr,

se brincava na rua eram eles dois; se brincava no campo do Monte Cristo levava carreira do Hugo capataz, figura que não devia nada na aparência aos feitores de engenho. Outro ofício, fui entregador de pães nas

mercearias para seu Hugo, em parceria com Henrique, filho do "frei" Luís (comerciante que se desfez de tudo, até da família, para viver uma vida monástica e de andarilho, circulando pelas ruas de Itabuna, vestido em batina franciscana, marron surrada, de cajado à mão, ensinando reza mesclada entre o catolicismo e a umbanda, quando não, monologando a frase: "tudo positivo, nada negativo").

A molecada – patota como era chamada – endereçou ao Henrique o apelido de King Kong, atribuindo suas características à do gorila do filme do mesmo nome, no que ele, sem nenhuma cerimônia, acatou e até imitava o macaco cotidianamente.

Poucos meses depois, viraram "onda" os filmes de Kung Fu, com Bruce Lee. Não tardou o King adotar o estilo e toda a turma se transformar em seus "discípulos". A academia, com marombas feitas de latas recheadas de concreto, funcionava no quintal de quem?... Do King, é claro. E lá ia ele tirando uma de mestre. Vestia-se com um kimono preto com uma faixa marrom.

Algumas vezes, saía com um bastão à mão ameaçando patotas de

outras ruas e até mesmo a nossa... Por questão de segurança, evitávamos confrontá-lo. Não tardou e me chamou pro "tatame", objetivando assumir a liderança da patota. E se ele realmente aprendera os golpes do Bruce?

Para não perder a moral com a patota que incentivava a disputa e gritava que quem corresse era galinha – uma patota saudável, sem práticas intoleráveis e todo mundo estudava – foi o jeito encarar o King e toda a sua ginga e gritos de guerra: iaaaá, iaiaia... Numa de suas coreografias mal encenadas, arremessei-o a três metros de altura, barranco abaixo, na casa do areeiro Bevenuto do Jegue, marido de Tina Charles – a dançarina do forró do Bomfim – pais do Quibe Doido, vendedor de salgadinhos que gritava: "olhe o quibe e o pastel, quem não comprar vai parar no motel". Todo arranhado, o King continuou coreografando lá embaixo e dando gritos de guerra, creio, para não demonstrar o constrangimento e as dores. Um contra-golpe traiçoeiro do Binha Seção - irmão do King – me surpreendeu. Porém, teve o mesmo destino... celebramos a paz e continuamos nossos treinamentos de artes marciais tupiniquins por muito tempo.

A única coisa que nos fez esfriar a compulsividade por cinema e esvaziar a "academia" foi o despertamento para algo mais agradável e talvez menos trabalhoso: garotas. Sim, era hora de cuidar da aparência e de aprender algo mais além

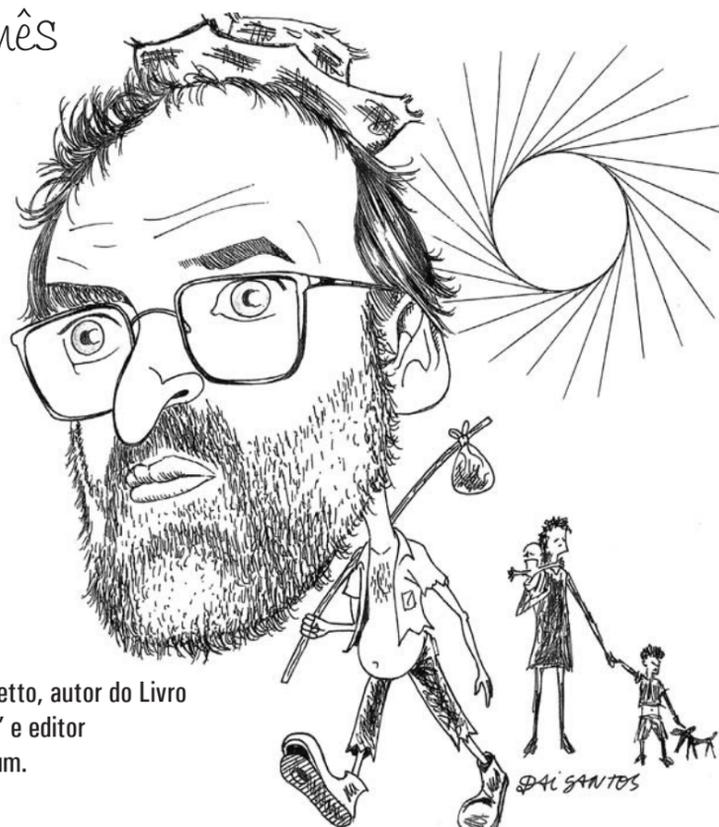
de golpes de kung fu: dar "colada" (beijo na boca) - a grande descoberta daqueles tempos. O beijo na boca era o máximo. Devaso e desonroso.

Para as meninas de família tudo tinha que ser feito longe dos lugares por onde passavam os olhares de dona Santinha, dona Lena e outras repórteres plantonistas da ocasião. Menina que dava colada era "rapariga". Para nós, meninos, marinheiros de primeira viagem, a colada era como um orgasmo e muito mais: seria a coroação e a prova da masculinidade. O sonho com o beijo já era motivo de ejaculação. Meninas queriam sigilo, meninos queriam a publicidade do fato entre a turma como forma de preencher o ego. Claro, sem que essa coisa de publicidade chegasse aos "repórteres" e pais. "Ficar", só no sonho. Passar disso seria risco de apanhar a panadas de facão e, para os mais crescidos, casar no "sapatão".

Lembrar do Cajueiro, das histórias e personagens, das coladas, dos curios, canários, chorões, saracuras, das jaqueiras, dendezeiros, goiabeiras, araçás, tangerinas — do pomar paraíso ecológico e quase público —, o Monte Cristo, terras de D. Amélia Amado, do tempo em que a rapaziada "fazia a cabeça" sem drogas, sem armas, sem vandalismo, mas com amizade e respeito... Tudo isso não passa de um saudosismo intenso e agradável.

Guilherme Santos
Professor e radialista

Caricatura do mês



Agenor Gasparetto, autor do Livro "Regressantes" e editor da Via Litterarum.

DAI SANTOS

Adelmo Oliveira, andarilho do vento

Gilfrancisco*

Conheci o poeta Adelmo José de Oliveira (Itabuna, 1934) em 1975 na chefia da sucursal do jornal alternativo Movimento (jun.1975-nov.1981), quando iniciei no jornalismo como muitos estudantes universitário da época, tendo, como colegas de redação, Tibério Canuto, João Henrique Coutinho, Linalva Maria, Oldack Miranda e Emiliano José da Silva, estes dois últimos, autores do livro "Lamarca, o Capitão da Guerrilha", publicado em 1984. O escritório que funcionava numa pequena sala do 5º andar do edifício Adolfo Basbaum, nas proximidades da ladeira de São Bento, encontrava-se sempre cheia: jornalistas, sindicalistas, estudantes, assinantes, alguns proprietários de bancas de revistas ou periodicamente a visita de um funcionário da polícia federal procurando por um de nós. Às vezes era difícil trabalhar durante o dia, motivo pelo qual saíamos sempre tarde do escritório. Morávamos no mesmo bairro da Pituba. Eu, na rua Goiás; e ele, na Paraíba. Por isso, íamos sempre juntos para casa todas as noites. Após o encerramento das atividades no jornal, caíamos na boemia da rua Carlos Gomes ou Faisca para degustar uma boa carne de sol com pirão de leite no Tabuleiro da Baiana. Às vezes optávamos por um ensopadinho de língua no Porto do Moreira ou uma feijoada no restaurante do Biu, situado no 1º andar de um num velho sobrado da Carlos Gomes e, por fim, no bar do saudoso amigo Sandoval, (o velho Sandoval do Varandá) já próximo das nossas residências, encerrávamos mais uma noite.

Aos domingos, (obedecendo à escala) íamos ao Aeroporto 2 de Julho apanhar os jornais Movimento, Nós Mulheres e depois Em Tempo para colocarmos nas bancas de revistas pela manhã do dia seguinte. Através do poeta Adelmo Oliveira, foi que conheci outros poetas, novos políticos, o grande humanista Dom Timóteo Amoroso Anastácio e várias comunidades da periferia de Salvador, como Marotinho, onde passamos um São João, juntamente com Marcelo Cordeiro e Capinan.

Portanto, conheci-o em muitas manhãs e em noites estreladas, com aqueles óculos antiquado parecendo o fundo de uma garrafa de champanhe que o

envelhecia, sempre fumando sem parar, com uma belíssima piteira inglesa: parecia um caopora, personagem mítico tupi das florestas brasileiras. Era padecente da claustrofobia, por isso não usava elevador, obrigando a acompanhá-lo pela escada. Mas o que me intrigava eram aqueles grandes olhos negros abertos para o mundo, para a vida e para as palavras. Sempre voltados para a paisagem urbana. Bom conselheiro, bom companheiro e único pagador das farras.

É dessa época que recebi de suas mãos um exemplar do livro "O Som dos Cavalos Selvagens" (20 poemas de Adelmo Oliveira) oferecido com a seguinte dedicatória: "Para, Francisco Pinto, D. Timóteo Amoroso Anastácio, Sergio Amado (impresso) e Gilberto, sensibilidade para as coisas da inteligência. Com admiração. Assinatura". O Som dos Cavalos Selvagens é uma edição muito simples, de 36 páginas, com capa do artista plástico e cineasta Francisco Liberato de Matos, sem indicação do ano de sua publicação (1971). Como represália do regime militar, o autor foi preso em sua própria residência, submetido a um interrogatório e teve toda edição de sua obra confiscada e destruída por ordem do Ministro da Justiça.

O livro é um canto singelo para várias vozes contra a ditadura militar. E abre com o "Poema Narrativo nº 1":

O poeta converte a chuva e o sol
Em calma e tempestade.

Rompe a madrugada no tempo
E abre o friso claro das eras.

Mistura-se ao pó das revoluções
E pede solução ao futuro.

"Poemas da Vertigem", seu mais recente livro, selo editorial Edições Arpoador, texto de Maria da Conceição Paranhos, ilustração de Bel Borba, 2005, está organizado em três partes. I. Baladas, com vinte uns poemas; II. Sonetos e, finalizando, III. Outros Poemas, deztoit textos. Por conseguinte, "Poemas da Vertigem" confirma algumas observações feitas anteriormente e permite-nos avançar na compreensão do modo como Adelmo Oliveira encara sua poesia. A

partir desse sentimento de solidariedade, expande-se a óptica social de seus escritos. É essa liberdade criadora a característica principal que atravessa sua obra para converter-se no refúgio que confunde com a própria existência, dando sentido a esta, cujo exercício criador não é simples, mas é sempre o mesmo na sua multiplicidade de faces.

Trabalhando sua obra com afeição especial, o poeta Adelmo Oliveira adquiriu uma técnica e uma personalidade excepcional, onde seu universo poético está construído pelo social, que o marcou decisivamente. Não como um arquiteto, mas como artesão que constrói cada verso de forma a dar uma estrutura consistente ao poema. Por isso, sempre teve alta consciência crítica da construção de seus poemas, desmistificando os mecanismos de funcionamento da linguagem.

Este pequeno "inventário de tudo" nos oferece um desempenho estético que se renova e se revigora no exercício de uma escritura visceral, assegurando sua presença, que tem sido uma constante, a desafiar boa parte da crítica literária baiana. Ele se vale de um instrumental importante, em que se harmonizam o artista e o artesão, não sendo assim de surpreender a pujante variedade métrica e de esquemas rítmicos que informa o seu verso.

Esse itabunense é um poeta culto, um poeta de poetas e, por consequência, um crítico de poetas, muito embora seu ensaísmo, quase todo inédito, seja episódico. Adelmo é um poeta opulento e bem nutrido por muitas leituras: Lorca, Maiakóvski, Neruda, Nicolas Guillén, Shakespeare, Eliot, Pound e outras; por isso, resolveu se incluir a uma legião de poetas que têm por compromisso maior tornar sua voz a voz de todos.

Adelmo Oliveira, dedicou-se, desde cedo, à poesia, como ele próprio o disse numa de suas entrevistas: "a fim de pôr em ordem a sua realidade interior". Depois de permanecer alguns anos em Campo Formoso (Centro-Norte Baiano), cidade natal de seus pais, estuda no Ginásio Augusto Galvão e cria o jornal estudantil "A Voz Estudantil". Fixando residência em Salvador nos anos 60, para dar continuidade aos estudos, onde

adquire grande parte de sua formação intelectual, conclui o curso de Direito em 1966 pela Universidade Federal da Bahia. Durante sua vida universitária, participou do Movimento Cultural da Bahia, colaborando em vários jornais de Salvador.

Voz indispensável ao elenco dos que integram a Geração 60 da poesia baiana, ao mesmo tempo em que dele pode ser dito que infunde sangue novo à poesia brasileira de hoje. Mesmo tendo sido eleito a deputado e ocupado uma cadeira na Assembléia Legislativa do Estado da Bahia em 1978, graças a sua formação humanista, nunca deixou de ser humilde, amigo, companheiro de todos as horas. Adelmo Oliveira mergulhou, de corpo e alma, numa infinidade de assuntos polêmicos, tornando-se uma das figuras mais representativas dos agitados anos 70, na cidade do Salvador. Moderno apesar de arredo para divulgar seus trabalhos é um homem viajado que vive para o mar, levando uma vida simples na convivência familiar, de pescadores e invasores de Lauro de Freitas.

Com "Poemas da Vertigem", Adelmo Oliveira vem confirmar seu espaço poético na literatura baiana há muito assegurado, através de livros como "Canto da Hora Indefinida" (1960); "Três Poemas" (1966); "O Som dos Cavalos Selvagens" (1971); "Cântico para o Deus dos Ventos e das Águas" (1987) e "Espelho das Horas" (textos: Gustavo Falcón e Timo Andrade, 1991). Tem colaboração em várias revistas: Ceas (Centro de Estudos e Ação Social); Exu, Quinto Império; Iararana; Anto e Saudade, ambas editadas em Portugal, além de participação em várias antologias. A partir de 1986, passou a compor letras de músicas popular com parceria de Fábio Paes e do carioca Augusto Vasconcelos. A publicação dessa edição comemora os quarenta e cinco anos de labor poético de Adelmo Oliveira. O importante é ler os poemas, de preferência, com a aquisição do livro, para assegurar a presença da "poesia sempre", que caminha por todos os ritmos, por todas as formas, por todos os tempos.

* Jornalista, pesquisador e professor universitário.

Assine e dê de presente

JORNAL LITERÁRIO

ab xz
CAMINHODASLETRAS

Da
Arca

Opinião Justa*

Ut mea
est opinio

Em questão de literatura, andam sempre os zoilos em disparidade intelectual, joeirando aqui, alli e acolá, vários senões, e, muitas vezes, coisinhas de nonada, em qualquer trabalho literário, que, por ventura, venha a lume, sem as apresentações aristocráticas dos paronymphos, cujas opiniões, injustas embora, são, de logo, respeitadas por uma pleiade de literatos e criticos mais em voga.

D'ahi o se ajuizar, quase sempre, do desvalor de uma obra qualquer, sem o criterio preciso, com o espirito apaixonado e propenso á demolição radical dessa obra, ou, então, muito inclinado a pequenas ressalvas, que

pela essencialidade do conceito pouco moldavel ás normas do bom senso, não satisfazem absolutamente ao juizo critico necessario, porque a critica, digamo-lo de passagem, deve ser, segundo a opinião dos juizes mais sensatos, "conscienciosa, imparcial, judiciosa, indulgente, criteriosa e desapaixonada".

A arte de criticar é bem difícil, e, como tal, deve merecer do critico a capacidade moral e intellectual, para a executar com rectidão de consciencia, sem intimos apaixonamentos, nem in-differentismos intransigentes.

Em se tratando de *critica literaria*, não se deve ser muito optimista,

nem tanto pessimista, afim de se não sacrificar a consciencia, perante as formas do julgamento, com o requinte de outras velleidades do espirito, não consentaneas com o bom senso.

Em reforço ao meu assento, con-vem se aquilate do valor das palavras do veneravel mestre, de saudosa memoria, Dr. Manoel Joaquim de Souza Britto:

"A critica optimista, louvaminheira, do elogio mutuo, sobre ser impro-ductiva, é altamente ridicula.

A critica pessimista, destruidora, sem nada crear como o anarchista, só a fazem, como diz Coelho Netto, os Davids caricatos que pretendem escalar o reducto da gloria, atirando pedras nos Golias intellectuaes".

O verdadeiro critico deve ser, portanto, consciente, intelligente, no-bre, criterioso e imparcial.

Sem procurar manusear os mais valiosos trabalhos de critica, nem fazer aqui o estudo altamente psychologico do auctor de "Terra da Promissão", apraz-me dizer, com esta franqueza inilludivel que me caracteriza todos os actos da vida, que o livro de Leonidio Rocha, cujo nome de intellectual não deslustrará, por certo, as agremiações brilhantes dos homens de letras, mereceu sinceramente o meu bom acolhimento, por me deixar no espirito a melhor das impressões, não somente pela clareza da linguagem, como ainda pela observação dos factos naturaes.

Qualquer ledor culto e desapaixonado, que deseje reconhecer os meritos dos que moirejam honestamente no mundo das letras, ha de ter a certeza de que o livro "Terra da Promissão" é digno de figurar nas estantes de qualquer bibliotheca, por isso que muito se recomenda pela pujança da idéa, pelo cuidado da forma e tambem pela optima impressão, para a qual, justiça se lhes faça, não pouparam esforços os distinctos editores.

Com os pendores de seu naturalismo, não imitante, certamente, ao realismo de Zola, Aloysio Azevedo, Julio Ribeiro, Machado de Assis e Eça de Queiroz, o intelligente auctor de

"Terra da Promissão e Terra do Ouro" descreve com fulgurancia de imagens, fluencia de estylo e cunho de vernaculidade, o que de mais agradavel se nos apresenta na vida intima e na vida campestre, onde a natureza prodigiosa, a deslumbrar a nossa vista com os seus panoramas soberbos e os seus segredos impenetráveis, empolga, deleita e surprehende a imaginação do observador mais atilado e perspicaz.

De referencia a esse trabalho literario, no concurso de Contos e Novelas ultimamente realizado na Academia Brasileira de Letras, deu o seu parecer favorável a Commissão julgadora, comparando-o com os outros trabalhos apresentados, e, de tal modo, ajuizando:

"Seu naturalismo é mais completo, espontaneo, profundo e verdadeiro".

Leonidio Rocha, sobre ser um dos mais dedicados professores da Escola Normal desta cidade, onde a intelligencia já se vai aprimorando, em face dos magnos problemas sociaes, é também um inspirado cultor das letras, por isso que possui, expostos à luz, outros trabalhos literarios, que, a serem julgados com criterio e imparcialidade, merecem os mais justos encomios, tal a sua actividade intellectual e tenacissima força de vontade para vencer as mais árduas difficuldades da vida.

Sendo assim, Leonidio Rocha merece os meus francos applausos e os meus sinceros parabens, pelo exito brilhante que obteve o seu livro "Terra da Promissão", recentemente julgado pela Commissão criteriosa da Academia Brasileira de Letras.

Feira, 18 de Agosto de 1929.
Honorato Filho

* Artigo do médico e poeta parnasiano-simbolista Honorato Bonfim Filho, publicado no jornal Folha do Norte, ano XX, Feira de Santana, 24 de agosto de 1929, Num. 1049, p. 01. Reflete a opinião em voga à época sobre a atividade crítica.

Abxz - Caminho das Letras, na transcrição do artigo mantém a grafia e o estilo de escrever da época.

Comandas do Machado

adylsonmachado@hotmail.com

A mulher embala a criança.
Alheio,
o homem conversa em volta.
A mulher embala o mundo.
O homem, alheio permanece.
Jovens e velhos em volta,
embalados de ontem,
não percebem.



TUDO DEZ
TUDO FMSUL



Dez
fmsul
102.1
1º Lugar em Audiência

www.fmsul.com.br

Bazar de Humanidades

Assinaturas I

Grande a participação de escolas e professores em resposta a campanha de assinaturas do abxz. Destaques para o Colégio Estadual Maria de Lourdes Veloso, o Divina Providência, e o Ação Fraternal de Itabuna.

Assinaturas II

Agradecemos a parceria. Que contagie a todos, inclusive a você, que nos lê agora.

abxz revista

Em fase de estudos o projeto de editoração o abxz no formato de revista. Por conta disto, e ansiando lançá-la agora, retardamos a presente edição do jornal.

abxz on-line

Acesse www.quiosquecultural.com.br/abxz

Passo Fundo

A Lei Federal 11.264, de 2 de janeiro, outorgou a cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, o título de "Capital Nacional da Literatura". A cidade gaúcha sedia, há mais de uma década, a Jornada Nacional de Literatura, evento que se constitui entre os mais importantes da literatura do País.

Bahia de Todas as Letras

Na próxima edição do abxz serão publicados dados da participação de inscritos, por cidades e regiões, no Concurso Literário BAHIA DE TODAS AS LETRAS, promoção da Via Litterarum e Editus/UESC.

Aderbal Duarte

O abxz incentivando a atualização musical promove, nos dias 3, 4 e 5 de abril, com o professor Aderbal Duarte, oficinas com músicos da região cacauera. No dia 5 será realizado um concerto. Detalhes no Quiosque Cultural, na Praça Olinto Leone, em Itabuna
www.quiosquecultural.com.br

Catálogo

A Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia publicou edital voltado para o cadastramento de escritores baianos com vistas a editar o "Dicionário de Escritores Baianos". O prazo para validação do cadastro vai até 10 de abril.

Os alunos, professores e dirigentes da Escola Ação e Cidadania merecem todos os aplausos pelo belíssimo espetáculo *O Natal Brasileiro* apresentado em dezembro na culminância das suas atividades. Os alunos tiveram aula com diversos profissionais de dança, artes plásticas, teatro e música. A Fundação Manoel Chaves, mantenedora da instituição, se fez presente.

Edição

A Câmara Baiana de Livros em breve editará a sua Revista, visando consolidar seu trabalho em favor do autor baiano. Abrindo espaços a textos e debates.

Teatro I

Eva Lima e Ari Rodrigues, produtores de eventos, apresentam nos dias 24 e 25/03, as 20:00h, no Centro de Cultura Adonias Filho (em Itabuna) e no dia 26 as 21:00h, no Teatro Municipal (em Ilhéus), a festejada mundialmente "Arte", da francesa Yasmina Reza.

Teatro II

O trabalho, recentemente encenado em Salvador, mereceu destaque de melhor espetáculo, melhor diretor (Ewald Hackler) e melhor ator (Gideon Rosa) do Prêmio Brasken de Teatro 2005.

Novidades editoriais

Três jornais estudantis chegam em nossa redação: Amélia Jovem (Colégio Estadual Amélia Amado Itabuna-BA), Conexão Salobrinho (Escola Municipal do Salobrinho (Ilhéus-BA) e Correio Escolar (Escola Polivalente de Itajuípe (BA)). Atitudes honrosas, acima de tudo porque são da juventude para as letras – escrevendo, pesquisando, lendo os textos, antecipando a leitura da própria vida. Parabéns às escolas pelo incentivo e pela brilhante participação dos alunos no mundo literário.

A UESC indica livros para os vestibulares 2007 a 2009

Augusto dos Anjos	Eu
Jorge de Souza Araujo	Os becos do homem
Álvares de Azevedo	Noite na taverna
Manoel de Barros	O livro das ignoranças
Euclides Neto	O tempo é chegado
José Lins do Rego	Fogo Morto
Ariano Suassuna	O auto da compadecida

Ganhadora do Concurso de Literatura Infantil - UFV

Silvia Kimo Costa, escritora e ilustradora, autora de obras como "A Poção que Espanta o Mau Humor" e "O Rapto da Primavera", ambas publicadas pela Editora Via Litterarum, ganha o 2º Concurso de Literatura Infantil promovido pela Editora UFV, em Viçosa, Minas Gerais. O evento foi realizado em comemoração dos 80 anos da Universidade Federal de Viçosa e 10 anos da Editora UFV. A autora competiu com mais de 100 autores e a historinha intitulada "Laila e as Estrelas", ficou classificada em primeiro lugar. O lançamento do livro será realizado em cerimônia na Universidade Federal de Viçosa no dia 18 de abril, dia do livro.

Humor do Leos



TOPETE



Destaques ↑↓

Positivo

A criação, extensão e instalação de Universidades públicas federais. Reconhecimento, mesmo que tardio, de que muitos poderão a elas chegar doravante Alvíssaras.

Negativo

No início das atividades escolares deste ano, numa classe de alfabetização, em uma escola itabunense, a professora, trabalhando com livro o assunto carnaval, solicitou para que as crianças criassem um desenho sobre "escolas de samba". Chegando em casa, a criança perguntou a mãe o que era aquilo, uma vez que o carnaval que lhe era familiar tinha como elementos centrais trios elétricos, blocos entre outros. Livro descontextualizado obriga nossas crianças a perguntas como essas. Assim, fica difícil a construção da identidade.

Manifeste sua opinião sobre abxz através do e-mail: abxz.caminhodasletras@hotmail.com

**TUDO DEZ
TUDO FMSUL**



Dez
fmsul
102.1
1º Lugar em Audiência

www.fmsul.com.br

Abrindo o Livro

SOROBAN

Uma ferramenta para compreensão das quatro operações

O Ocidente descobre segredos seculares, vivenciados na China e descobertos pelo Japão a partir de

1622. A inteligência melhor se prepara com o exercício da mente, a tradição Oriental já o dizia.

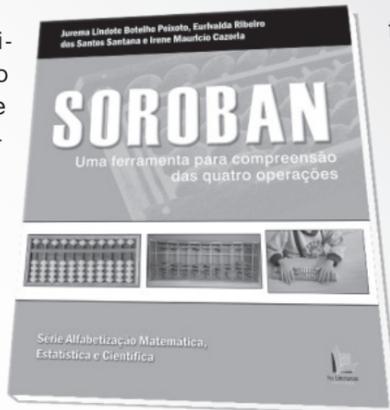
Abrindo o Livro mostra trabalho editado voltado para a descoberta desta técnica. Veja abaixo:



2.1 Origem

O *suan pan* foi trazido da China para o Japão em 1622, onde recebeu o nome de soroban. Após a segunda guerra mundial, ele passou por várias mudanças e sua estrutura foi sendo aprimorada até a forma atual. O modelo chinês (Fig. 2.1) é subdividido em dois retângulos e várias hastes, cada uma representando uma potência de dez. Ele contém duas contas no retângulo superior e cinco contas no retângulo inferior, conhecido como ábaco 2/5. Cada conta na parte inferior representa uma unidade da potência de dez correspondente e cada conta da porção superior vale 5, possibilitando registrar valores de '0' a '15', sistema hexadecimal (base

16), em cada haste. A primeira adaptação feita no Japão foi a retirada de uma das contas superiores, pois no Japão utiliza-se o sistema decimal. Mesmo assim, podia-se escrever desde o '0' até o '10' em cada haste (Fig. 2.2). Depois houve a exclusão da quinta conta da porção inferior. Outra modificação



feita ocorreu com o formato das contas. Originalmente redondas ou ovais, passaram a um formato losangular. Esta pequena mudança possibilitou aumentar a velocidade de manipulação e a precisão dos movimentos, facilitando o ma-

nuseio e o desempenho no cálculo. Assim, nasceu o soroban moderno como ilustra a Fig. 2.3.

No Brasil, o soroban chegou em 1908, trazido pelos imigrantes japoneses, como parte de seu acervo cultural, ainda em sua versão antiga, mas já modificada do original chinês; em 1953, foi introduzido o soroban moderno utilizado atualmente. Em 1956, deu-se início à divulgação do soroban, pelo professor Fukutaro Kato.



Fig. 2.1: Modelo chinês (suan pan).
Fonte: Abacus Online Museum.

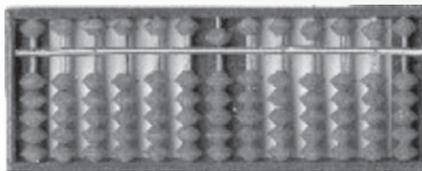


Fig. 2.2: Modelo japonês após a 1ª mudança.

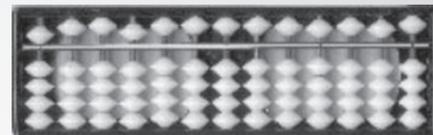


Fig. 2.3: Soroban moderno, depois da retirada de duas contas.

Pelos caminhos da Espanha de Antonio Naud Júnior

José Inácio Vieira de Melo*

Quando terminei a leitura das crônicas de *Se um viajante na Espanha* de Lorca, de Antonio Naud Júnior, além de ter satisfação por ler textos bem escritos, despojados, sem serem pretensiosos, senti uma vontade danada de viver, de apenas viver. Textos como "Que alegria de viver!" despertam para a vida. O jovem poeta é um desses andarilhos que, embora não esqueça das suas origens, não se condiciona às geografias e bota o pé na estrada pela necessidade de andar e descobrir coisas, enquanto vai se revelando para o leitor e para si próprio.

Consciente da individualidade do ser, Naud Júnior, em um dos primeiras crônicas do livro, lembra que "A aventura começa dentro de nós". E em Tarifa, Andaluzia, rememora quando, desconhecido de todos, transitava pelas ruas de Marrocos a se indagar sobre as várias faces do seu eu: "Qual o meu nome? Sou tantos." É inevitável não lembrar do célebre romance de Gerardo Mello Mourão, *O Valete de Espadas*, no qual um viajante, Gonçalo Falcão de Val-de-Cães, passa de um lugar para

outro sem perceber: amanhece em um hotel que não conhece, perambula pelas ruas da cidade, também sua desconhecida e, ao dormir novamente, acorda em um navio, do qual não sabe nome nem destino. É assim o Naud Júnior em suas crônicas, o homem no mundo perplexo com tudo que o cerca, o sujeito que está sempre aberto para o desconhecido, em busca de. Paradoxal, o nosso viajante afirma no título da crônica: "Eu só conheço esse caminho do Paraíso", para em seguida informar que "Não conheço ninguém, ninguém me conhece. Como não conheço ninguém e ninguém me conhece, é quase como não existir". O não existir para certas esferas, parece condição para uma ligação com o Paraíso, para trilhar pelos caminhos do Coração, assim como queria o brujo Dom Juan, em *A erva do diabo*, de Carlos Castaneda: "Para mim só existe percorrer os caminhos que tenham coração, qualquer caminho que tenha coração. Ali viajo, e o único desafio que vale é atravessá-lo em toda a sua extensão. E por ali viajo olhando, olhando, arquejante."

Ainda em *O Valete de Espadas*, num diálogo, há uma definição que se aproxima da expressão do autor de *Se um viajante na Espanha de Lorca*: "– Quem é este rapaz? – É um peregrino. Peregrino das próprias entranhas." Antonio Naud Júnior é um peregrino dos mistérios do eu. Seus sentimentos, suas dores, suas alegrias – a parte as suas peculiaridades – são as de todas as pessoas, pois somos massa do mesmo barro; o mesmo sopro lírico que energiza o poeta, movimenta a humanidade – e esse é o motivo da identificação imediata do leitor com o cronista.

Diante da unidade do conjunto de crônicas de *Se um viajante na Espanha de Lorca*, as seções subsequentes "Dois personagens" e "Um relato", que apresentam, respectivamente, dois estudos e um conto, ficam fora do clima das narrativas. A impressão que deixa é de que deveriam ter aguardado um momento mais propício para publicação, ao lado de outros trabalhos do autor,

"O jovem poeta é um desses andarilhos que, embora não esqueça das suas origens, não se condiciona às geografias..."

de gêneros correspondentes. Por outro lado, a inclusão desses textos dá uma mostra da diversidade criativa de Antonio, escritor profícuo que transita com desenvoltura pelos mais diversos gêneros.

Percorrer os caminhos da Espanha de Antonio Naud Júnior é percorrer as searas do coração, e todos os seus textos abrem portas para o livre estradar. A Espanha de Antonio não é territorial, é dentro do Antonio, é dentro de mim, e dentro de você, meu caro leitor. Assim, invoco todos os santos poetas e todos os poetas malditos para celebrar este acontecimento literário, e convoco todos os peregrinos da vida para trilhar por essas veredas. "E res mès / E nada mais".

*José Inácio Vieira de Melo é poeta e jornalista. Publicou os livros *Decifração de Abismos* (2002) e *A Terceira Romaria* (2005), dentre outros. É co-editor da revista *Iararana* e colunista da revista *Cronópios*. Coordena o projeto *Poesia na Boca da Noite*. e-mail: jivm.inacio@ig.com.br

TelaPoema

POEMA AO MEU FILHO

Meu filho, chegarás na primavera:
Mil desculpas: não poderei oferecer-te
Aquele mundo alegre e humano que sonhei.

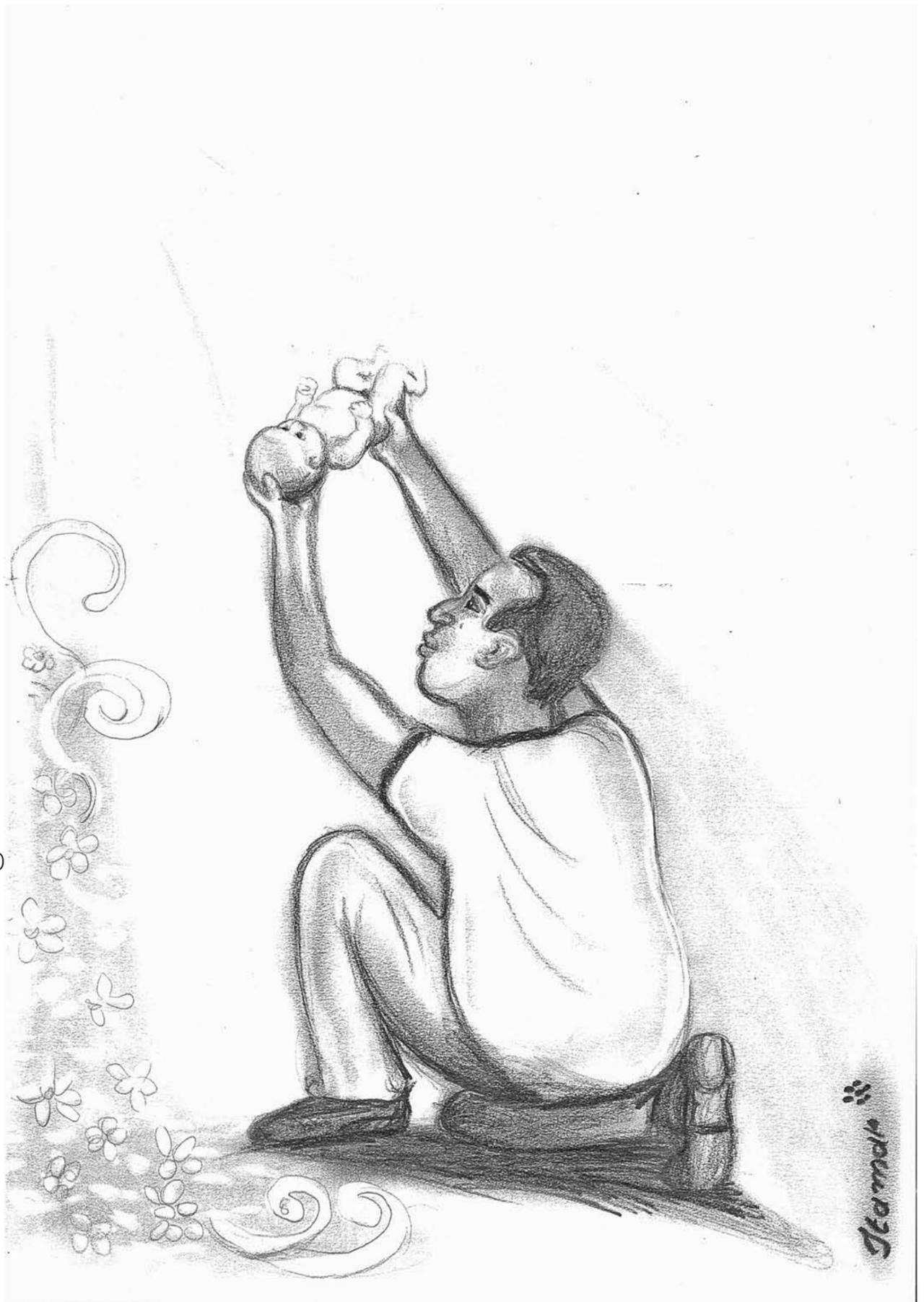
Meu filho, chegarás na primavera:
Quando adulto, não sê igual aos demais.
Tenhas o coração inquieto e a ternura de Valquíria.

Meu filho, chegarás na Primavera:
Ama e Ama. Se te forcarem a odiar, odeia.
O Amor e o ódio têm suas grandezas.

Meu filho, chegarás na primavera:
Rosas e foguetes teleguiados também.
Vê nos povos, brancos e negros, teus irmãos.

Meu filho, chegarás na primavera:
Aos 18 anos lê estes versos, não são conselhos,
São desejos, devaneios de um pai sonhador...

(Julho de 1959)



Poema ao meu filho, poema de Hélio Nunes (1930-1973).

TelaPoema foi inspirada na experiência revolucionária e vanguardista desenvolvida pela Sociedade Itabunense de Cultura – SIC – na década de 70, reunindo as manifestações estéticas de poetas e artistas plásticos do Sul da Bahia numa provocação recíproca: do texto para a tela e da tela para o texto.

Livraria PAPIRUS. A sua opção em Ilhéus para assinar

JORNAL LITERÁRIO
abxz
CAMINHODASLETRAS

o seu jornal literário

www.quiosquecultural.com.br/abxz